

ARTE OU VENDA? DO LIVRO RARO ÀS CAPAS EM OBRAS JURÍDICAS CONTEMPORÂNEAS

Thiago Cirne¹

RESUMO

Este artigo analisa a presença do elemento imagético na produção de livros raros e sua função em publicações jurídicas contemporâneas. Ressalta que, atualmente, a forma como grande parte da sociedade se apropria do objeto livro é cada vez mais despida de interesses artísticos e revestida de interesses informacionais. Reflete sobre as influências da imagem no mercado livreiro a partir das considerações de Araújo (1986), Fonseca (2008) e Dansa (2009). Reforça o viés publicitário das capas e sobrecapas atuais. Conclui que, a depender das diferentes épocas, a imagem será um recurso situado na ênfase do gosto artístico ou na necessidade de mercado.

Palavras-chave: Livro jurídico. Livro raro. Mercado editorial.

1 Introdução

Nos últimos anos uma parcela do mercado editorial jurídico parece ter entendido que suas publicações não necessitam mais das tradicionais encadernações ou capas monocromáticas, comuns às imagens de bibliotecas jurídicas do passado. Uma breve visita às livrarias revela que grande parte dos livros atuais possuem, como atrativo, as imagens.

Certamente existem aquelas editoras que optam pela antiga tradição, com poucas figuras e cores, e continuam com seus espaços razoáveis no mercado livreiro. Mas a tendência na elaboração de capas que ganham destaque por sua produção imagética/fotográfica, ao que parece, é forte.

Não há dúvidas: o século XXI é o século da imagem e do som, em sua absoluta qualidade, e praticamente todos os setores da sociedade bebem dessa fonte. Note um simples

¹Mestre em Biblioteconomia pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (PPGB/UNIRIO). Especialista em Jornalismo Cultural pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (FCS/UERJ). Graduado em Biblioteconomia pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO). Analista Bibliotecário do Centro de Estudos Jurídicos da Procuradoria Geral do Estado (CEJUR/PGE-RJ). Diretor de Editoração do Grupo de Profissionais em Informação e Documentação Jurídica do Rio de Janeiro (GIDJ/RJ).

cartão de visita², por exemplo (Figuras 1 e 2). As gráficas produzem itens cada vez mais sofisticados, no ritmo das mudanças e das novidades do mundo digital.

A produção de livros já teve dias de excelência material, em uma espécie de “era artística”. Encadernações luxuosas, com pastas e lombadas gravadas, cortes em dourado, brasões e ex libris foram alguns dos elementos que atribuíram ao livro um status de obra de arte – e que até hoje fascina leitores, bibliotecários, colecionadores e bibliófilos por todo o mundo.



Figuras 1 e 2: Evolução dos cartões de visita. Em seu formato clássico, possuem em média 89 mm x 49 mm; 97 mm x 54 mm; 100 mm x 60 mm (FARIA; PERICÃO, 2008, p. 140).

Fonte: HISTÓRIA..., 2012.

Atualmente, a forma como a sociedade se apropria do objeto livro, em função e uso, é despida de interesses artísticos e revestida de interesses informacionais - façam-se as ressalvas, obviamente. Tal fato também é refletido em números. Lembremos que, na área jurídica, o volume de edições anuais ainda é capaz de movimentar grandes cifras por uma razão: a produção de informação na esfera do Direito é ininterrupta e sua disseminação encontra-se imersa em um compasso jamais visto³.

Aqui cabe uma observação: embora as abordagens sobre produção de livros sejam diversas, uma vez que seu impacto tem influência em vários setores das unidades de informação - como aquisição e estudos de usuários -, elas não são novas.

² O Cartão de visita é a peça de comunicação mais procurada e uma das mais utilizadas no mercado como uma forma simples e barata de transmitir informações de contato. É considerada uma falha grave de comunicação entre profissionais o fato de não possuir esta peça em mãos durante uma reunião de negócios ou até em um ambiente informal (HISTÓRIA..., 2012). Retângulo de cartolina contendo impresso o nome da pessoa, o endereço, e, frequentemente, os títulos profissionais ou outros. Pode ser utilizado para diversos fins como enviar uma mensagem por razões comerciais, familiares, sociais, etc. (FARIA; PERICÃO, 2008, p. 140).

³ Chamamos a atenção principalmente para as plataformas de disseminação destes conteúdos, que perpassam, há algum tempo, o formato em papel. Atualmente diversas bibliotecas jurídicas têm complementado suas coleções com bases de dados digitais que, além de conteúdos textuais, apresentam vídeos e informes legislativos.

Retomamos as impressões de Peter Burke, em seu artigo *Problemas causados por Gutenberg*, onde o autor explora as consequências imprevistas a partir da invenção da imprensa de tipos móveis⁴.

Ele cita a descrição do humanista francês Guillaume Fichet, segundo a qual a invenção seria um “Cavalo de Tróia”. Essa visão foi corroborada pelo fato de diferentes grupos sociais levantarem, à época, críticas ao novo instrumento. Copistas, vendedores de livros manuscritos e contadores de histórias estavam entre aqueles que temiam que a imprensa os privaria de seu meio de vida (BURKE, 2002, p. 174).

A divulgação de impressos e o crescimento no número dos leitores também trouxeram preocupações de âmbito político e religioso. Alguns perguntavam se a invenção da tipografia não traria mais malefícios do que vantagens (BURKE, 2002, p. 174), uma vez que os leitores poderiam analisar textos por conta própria e não seriam, a rigor, submissos às autoridades. Subsequente à invenção da imprensa o autor identifica a “explosão” da informação, que trouxe a necessidade de novos métodos de gerenciamento de informação.

Isaac Newton, por exemplo, mostrou certo estresse com a quantidade de publicações que chegavam ao mercado. Constam relatos sobre sua irritação e resistência com relação à publicação rápida e periódica dos seus escritos antes que eles tivessem adquirido maturidade e formato completo para ser exibido na forma de livro (MOSTAFA; TERRA, 2000).

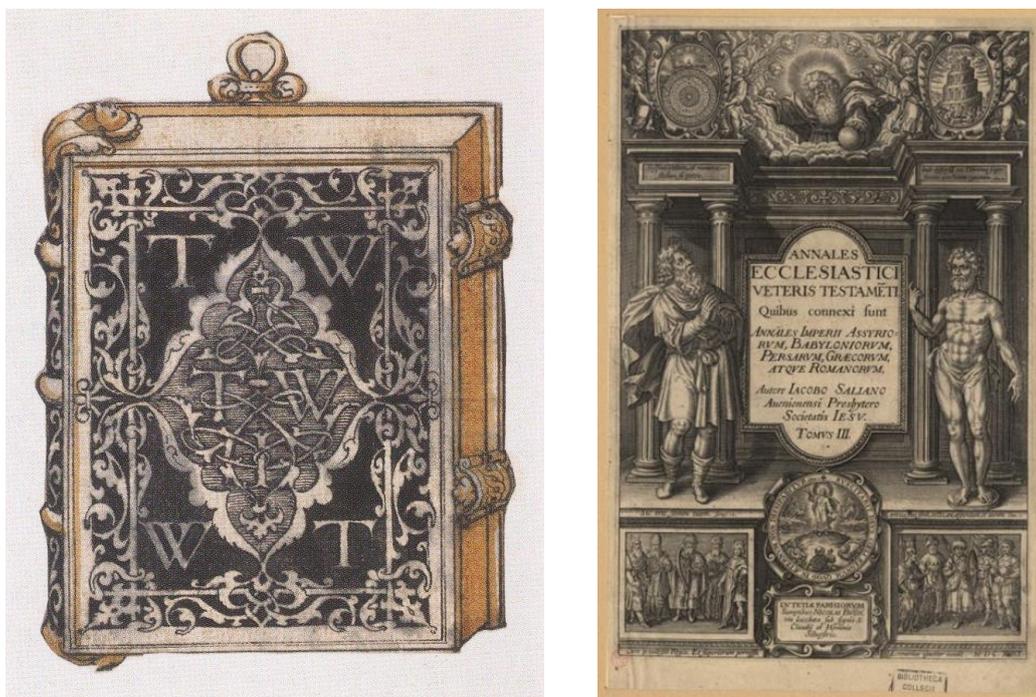
Como se vê, o debate sobre o ritmo na produção de livros e seus impactos parece estar, de certa maneira, sempre em pauta. Ora, se pensamos no uso de imagens e sua relação com o aumento de tiragens, é necessário situarmos este discurso não apenas no viés artístico, mas no sentido de *vender algo*. Assim, no campo das imagens e do capitalismo do século XXI, a ênfase repousa sobre o *como chamar a atenção do consumidor leitor* em meio às várias opções do mercado.

2 Impacto e imagem

É possível afirmar que o elemento “impacto” já se fazia presente muito antes da era digital, pois a arte executada sobre os livros sempre resultou em prazer visual ao possuidor da coleção. O leitor de exemplares raros geralmente tem experiências visual, olfativa e tátil bastante específicas. Dependendo do item em mãos, da parte externa (encadernação) ao

⁴ Para mais informações, recomendamos o artigo “Tecnologias e avanços: questões sobre imprensa, livros e internet”, disponível em: <http://www.revistamuseu.com.br/site/br/artigos/206-tecnologias-e-avancos-questoes-sobre-imprensa-livros-e-internet.html>.

conteúdo (miolo do livro), encontramos diversos elementos decorativos (Figuras 3 e 4) como frontispícios⁵, letras capitulares, gravuras e vinhetas. Dos reis do mundo antigo, passando por presidentes e bibliófilos juristas, a sensação de poder e status também era refletida a partir de suas bibliotecas.



Figuras 3 e 4: Desenho de uma capa metálica, provavelmente do século XVI. À direita, frontispício de obra do século XVII, do acervo da Biblioteca Nacional de Portugal. Em ambos os exemplos, nota-se o emprego de recursos artísticos (joalheria e gravura, respectivamente).

Fontes: Design de livros, 2015; BN de Portugal.

A evolução do livro, em sua materialidade, pode ser constatada, por exemplo, quando o pesquisador de uma unidade de informação depara-se com publicações anteriores ao século XX. Notam-se as diferentes qualidades de papel, materiais empregados nas encadernações, estilos etc. Essas diferenças também ressaltam as mudanças tipográficas, editoriais e artísticas entre diferentes épocas.

Desta forma, entende-se que o livro transcendeu sua finalidade primária de suporte de informação e se tornou objeto de culto artístico através de homens que tinham a intenção de valorizá-lo pelo visual e pelo design (ESTILOS..., 2011). Após uma breve descrição sobre o

⁵ Por frontispício, entende-se: “Portada de um livro, página de rosto, página de título; frente; frontão. Página gravada, muito freqüente em livros dos séculos XVI, XVII e XVIII, que aparece colocada antes da página de rosto ou em frente dela, a livro aberto, e na qual estão inscritos o título da obra, o lugar de impressão, o impressor, a data e, com freqüência, o retrato do autor ou de personagens intervinientes no conteúdo ou com ele relacionadas” (FARIA; PERICÃO, 2008, p. 353).

uso da imagem no passado, verificamos algumas de suas funções atuais a partir de sua aplicação em capas e sobrecapas de livros jurídicos.

3 Livro e a imagem: entre artistas e profissionais

Para entendermos o percurso narrativo que apresentamos, devemos observar, ainda que rapidamente, a breve história do uso das imagens, especificamente das ilustrações, que incrementaram diversas práticas, usos e aplicações.

Alguns especialistas acreditam que um dos primeiros exemplos de livro contendo ilustrações é o chamado *Livro dos Mortos*, escrito em hieróglifos no século XII a.C. Registrado em rolos de papiro, esta coletânea representa mensagens da crença egípcia sobre a vida além da morte. A escrita é constituída por símbolos, pictogramas, fonogramas e, muitas vezes, é a orientação das cabeças de humanos e pássaros, nas ilustrações, que guiam o sentido de leitura (PORTO, 2012, p. 14).

No período medieval, no entanto, a produção de ilustrações teve ainda mais destaque. De acordo com Salmo Dansa (2009), ao “olhar para as origens ocidentais da ilustração de livros, vemos o caminho do desenvolvimento do livro ilustrado como meio de expressão visual se formar a partir da Idade Média”.

Neste sentido, Dansa relembra a atuação de Albrecht Dürer, explicando que, naquele período, “nenhum artista individualmente contribuiu mais para a imagem do Renascimento no norte da Europa”. Filho de ourives húngaros, nascido em 1471 em Nuremberg (Alemanha), realizou duas viagens à Itália – que inseriram o artista na arte renascentista. As ilustrações de livros de Dürer podem ser divididas em assuntos religiosos, publicações nacionais ligadas ao imperador Maximiliano I e estudos científicos (DANSA, 2009).

Atualmente, diversos profissionais têm obtido reconhecimento e destaque em suas criações. Recentemente, o site Listas Literárias destacou o trabalho de 10 profissionais, considerados os “Grandes capistas de livros no Brasil”, ressaltando ainda que “eles nem sempre tem o mesmo destaque quanto o autor, mas também são indispensáveis para a publicação do livro” (10 GRANDES..., 2014). O interessante é a diversidade de seus portfólios, o que aponta para a necessidade crescente de mercado por designers experientes.

4 Capas: funções publicitárias

Qual seria, então, a função atual de uma capa⁶? De acordo com Emanuel Araújo (1986, p. 470) ela será publicitária. Aliás, este é o elemento extratextual que correntemente merece maior atenção, já que será a capa o alvo visual e inicial do leitor (ARAÚJO, 1986, p. 470-471). Este entendimento pode ser aplicado às diversas áreas do saber, entre elas a jurídica, onde encontramos títulos muitas vezes similares. Quantas obras intituladas “Curso de direito administrativo” ou “Direito internacional privado” existem circulando no mercado?

Segundo a concepção de Araújo, o estilo de apresentação da capa “varia bastante, sob construções simétricas ou assimétricas, mas buscando-se amiúde tirar partido dos efeitos visuais provocados por contrastes de tom e cor, por combinações de figuras geométricas, por fotos (Figuras 5 a 7), gravuras e outras formas de ilustração” (ARAÚJO, 1986, p. 471).



Figuras 5 a 7: Sequência de capas que demonstram harmonia entre conteúdo e imagem. Na primeira (da esq. para a dir.), um soldado parece desolado. Ao centro, ferramentas agrícolas apresentam-se como “grades” no contexto do trabalho escravo. Na terceira arte constam as fotos Joaquim Barbosa e Ricardo Lewandowski, que ganharam as atenções da mídia durante o julgamento conhecido como “Mensalão”.

O que se pretende destacar é o processo harmonioso que deve existir em sua elaboração. Assim, verificamos que imagem e palavra devem, como orienta o autor, interagir neste processo. Para Araújo, talvez a única regra a ser “obedecida no design da primeira capa é que seu estilo se relacione, ou reflita, a matéria e o estilo gráfico do livro – o mais fica por

⁶ Ou “primeira capa”.

conta da sensibilidade, da imaginação, do bom gosto e da técnica do capista” (ARAÚJO, 1986, p. 471).

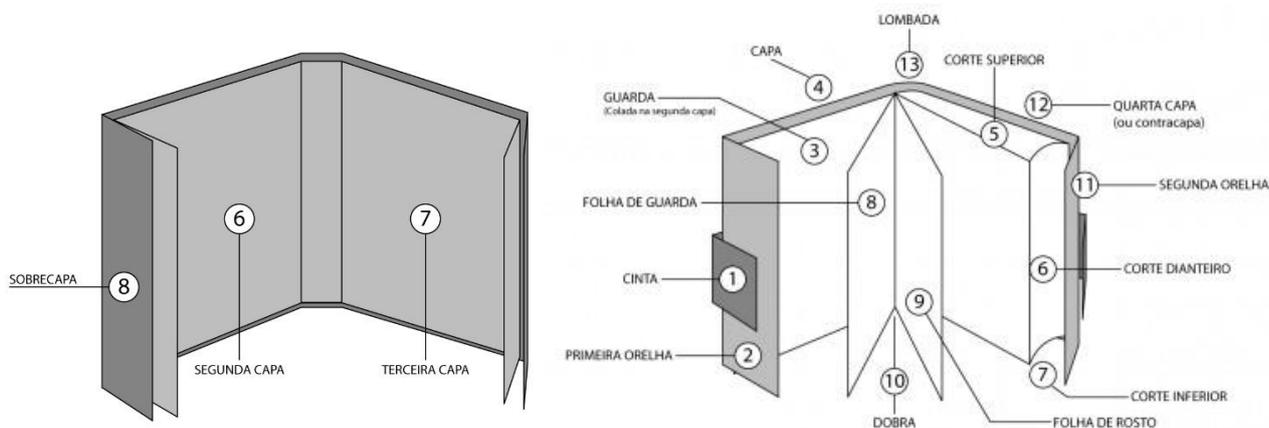
De acordo com o Designer Gráfico Marcelo Santiago Brandão (2016), os temas jurídicos podem se apresentar como difíceis à conceitualização por meio de uma única figura. “O uso de imagem não é algo essencial, embora, quando aplicada de forma assertiva e bem cercada de conceitos e pela própria plástica, qualidade e cuidado com que a foto é capturada ou escolhida, seja algo que pode representar uma comunicação muito poderosa para a capa de um livro”, analisa.

Brandão destaca ainda que uma boa imagem, quando bem relacionada com o tema, denota rapidez na comunicação quando visualizada pelo consumidor. “Toda a capa deve partir desse princípio, a preocupação com uma boa comunicação”.

5 A sobrecapa

A sobrecapa (Figuras 8 e 9) nasce em 1830, sendo constituída por uma folha solta que envolve ou protege, sobretudo em livros encadernados, a capa (ARAÚJO, 1986, p. 471). Algumas reproduzem as imagens da capa original. Geralmente apresentam os primeiros sinais de desgaste pelas sucessivas retiradas e inserções do item nas estantes de bibliotecas. Assim como as capas orginais, necessitam ser atratentes.

Em livrarias, tem por finalidade fixar a atenção nas prateleiras, além de proteger o livro até que chegue às mãos do comprador. Sua atuação assemelha-se à de um cartaz ao redor da obra e sua legibilidade e impacto imediatos são vitais (FONSECA, 2008, p. 248).



Figuras 8 e 9: Esquema gráfico de algumas partes do livro.
Fonte: DUARTE, 2013.

Os princípios que regem o seu design são idênticos aos da primeira capa da brochura (ARAÚJO, 1986, p. 471) e muitas vezes ela permanece no livro por toda sua vida funcional. Algumas publicações apresentam sobrecapas em tamanho inferior à altura do formato do livro, atuando uma cinta horizontal (FONSECA, 2008, p. 248).

Embora algumas bibliotecas descartem a sobrecapa durante o processamento técnico, vale ratificar também sua função de proteção, logo, de preservação. A fixação de etiquetas com o número de chamada ainda é amplamente utilizada e a sobrecapa, neste caso, pode ajudar a conservar a lombada do exemplar.

6 Considerações finais

Texto e imagem quase sempre caminharam juntos na produção dos registros de conhecimento. Notamos que a imagem compôs o livro raro sobretudo no que tange ao aspecto artístico. A partir do século XX percebe-se que os livros jurídicos passam a apresentar a imagem como recurso publicitário, com destaque para as fotografias.

Chama-se a atenção para o fato de, tradicionalmente, não ser a área jurídica aquela que mais ilustra livros. Este “fenômeno capista” é relativamente recente, o que vem a motivar este breve artigo.

Obviamente, a despeito do período editorial, o belo tende a vender e a se destacar mais diante das opções na concorrência. Porém, seu apelo é acentuado pelos atuais recursos gráficos. Cabe sempre salientar, todavia, que as obras clássicas do Direito, bem como os autores mais consagrados, não participam, necessariamente, da disputa de imagens sobre a qual estamos tratando. Por outro lado, aqueles que buscam atrair os olhares para seus trabalhos também têm usufruído dos recursos imagéticos.

Concluimos que o uso das imagens, partindo do livro raro às obras contemporâneas no ramo do Direito, atenderá sempre ao bom gosto, mas, sobretudo, às necessidades da publicidade no século XXI.

Referências

ARAÚJO, Emanuel. **A construção do livro**: princípios da técnica de editoração. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

BRANDÃO, Marcelo Santiago. **Capas de livros jurídicos** [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por <thiagocirne@gmail.com> em 22 nov. 2016.

BRUCHARD, Dorothée de. A encadernação, 1999. In: Escritório do livro. Disponível em: <<http://escritoriodolivro.com.br/historias/encadernacao.html>>. Acesso em: 14 set. 2015.

BURKE, Peter. Problemas causados por Gutenberg: a explosão da informação nos primórdios da Europa moderna. **Estudos avançados**, São Paulo, jan./abr. 2002, n. 44, v. 16, p. 173-185.

DANSA, Salmo. Uma breve história dos livros ilustrados. **Educação Pública**, Rio de Janeiro, mar. 2009. Disponível em: <<http://www.educacaopublica.rj.gov.br/cultura/artes/0022.html>>. Acesso em: 3 jan. 2017.

DESIGN de livros, 2015. In: Wikipédia. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Design_de_livros>. Acesso em: 03 jun. 2016.

DUARTE, Márcio. O livro e suas capas, 2013. In: Chocoladesign, c2010-2014. Disponível em: <<http://chocoladesign.com/o-livro-e-suas-capas>>. Acesso em: 03 jun. 2016.

FONSECA, Joaquim da. **Tipografia & design gráfico**: design e produção gráfica de livros impressos. Porto Alegre: Bookman, 2008.

ESTILOS de encadernações, 2011. In: Obras raras: o livro e sua história. Disponível em: Disponível em: <<http://obrasrarashistoria.blogspot.com.br/2011/07/estilos-de-encadernacoes.html>>. Acesso em: 03 jun. 2013.

FARIA, Maria Isabel; PERICÃO, Maria da Graça. **Dicionário do livro**: da escrita ao livro eletrônico. São Paulo. Edusp, 2008.

10 GRANDES capistas de livros no Brasil, 2014. In: Listas Literárias. Disponível em: <<http://www.listasliterarias.com/2014/09/10-grandes-capistas-de-livros.html>>. Acesso em: 17 jan. 2017.

HISTÓRIA dos cartões de visita, 2012. In: Nuvon, 2016. Disponível em: <<http://blog.nuvon.com.br/2012/05/historia-dos-cartoes-de-visita-realidade-aumentada-qr-code/>>. Acesso em: 03 jun. 2016.

MOSTAFA, Solange Puntel; TERRA, Marisa. Das cartas iluministas às listas de discussão. **Datagramazero**: Rev. de Ci. Inf., v. 1, n. 3, jun. 2000.

PORTO, Pedro Shalders. **Do Imaginário ao Real**: a criação e a produção do livro infantil na visão do ilustrador. Rio de Janeiro, 2012. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-

Graduação em Design do Departamento de Artes & Design do Centro de Teologia e Ciências Humanas da PUC-Rio.